

Lima, Luiz Costa .*O Redemunho do Horror (As margens do Ocidente)* São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003).

Rodrigo F. Labriola*

Ensaísta e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), Luiz Costa Lima é um dos críticos literários mais importantes do Brasil. E, aliás, um dos mais polêmicos. Seu último livro, *O Redemunho do Horror: As margens do Ocidente*, foi recentemente nomeado entre os finalistas do Premio Jabuti, e contém no prólogo uma afirmação que promete honrar aquela dupla fama: “tinha uma função de repto: mostrar, aos praticantes dos *cultural studies*, que, antes de pretender dar conta do tratamento ficcional de um tema qualquer, se há de investir em uma teoria do discurso ficcional – detalhe inoportuno ou ocioso para os culturalistas – e não só para eles”. No redemunho da crítica literária contemporânea, que primeiro sofreu a indefinição do seu objeto de estudo, e agora está desorientada em suas pesquisas entre as infinitesimais e heterogêneas variantes das teorias mais ou menos bem sucedidas, a provocação de Costa Lima é indispensável para entender um livro que, por momentos, parece o redemoinhado Maelstrom de Poe. Damos nossas razões.

Dividido em três partes (a intervenção portuguesa na Ásia no século XVI, a expansão imperial britânica do século XIX, em especial na África, e a “auto-colonização” da América Latina no século XX), Costa Lima tenta investigar “a experiência do horror provocado pela presença sistemática do branco em terras distantes”. *Prima facie*, o projeto seria coerente com os trabalhos desenvolvidos pelos estudos culturais. Mas o prólogo, e toda a reflexão inicial da primeira parte do livro sobre o discurso ficcional, procuram abalar essa suposição. A resposta encontra-se na tensão entre a reflexão predominantemente teórica sobre a literatura (que o crítico brasileiro desenvolveu em todos seus trabalhos anteriores) e esta sua tentativa de acrescentá-la com uma abordagem nova do contexto histórico, afastando-se do preconceito sociológico de que a literatura poderia ser considerada como documento. “Há, portanto – esclarece Costa Lima – uma teoria por trás da distinção de tratamento que [em seu ensaio] recebe o tema do horror. Ela, entretanto, já não é a mera aplicação de uma ratio socioeconômica. Os condicionamentos socioeconômicos não são determinantes: servem de subsídio a uma teoria que, fundamentalmente,

visa ao texto ficcional. Nisso, desde logo, a maneira como trabalhamos não guarda nenhum parentesco com os chamados estudos culturais.” Qual é essa teoria? Em dois livros anteriores (*O controle do imaginário* e *Mímesis: desafio ao pensamento*) Costa Lima faz uma releitura da mimesis mostrando que nela, ao contrário de seu entendimento habitual, coexistem dois vetores, um correspondente à semelhança (*imitatio*, que teria sido predominante) e um outro em relação com a diferença, i.e., com a exploração ficcional das possibilidades da “realidade” ou das situações que se tentariam imitar. Assim, o discurso ficcional se constituiu na tensão entre uma semelhança esperada e uma diferença alcançada, e a predominância de cada um desses pólos dependeu das diferentes *poéticas* ou teorias estéticas da época. As conseqüências dessa teoria do ficcional são enormes pois por uma parte colocariam em xeque as possibilidades da escrita histórica (atingindo conclusões similares às de Hayden White), mas também, por outro lado, qualquer pesquisa do tipo dos estudos culturais (o que ainda tem maior destaque para os propósitos perseguidos por Costa Lima em seu *Redemunho...*) pois o horror já não seria um *tema representado* nos textos senão mais uma parte material do contexto histórico, ou seja, o horror discursivo como mais um elemento de toda forma de horror para além do contexto socioeconômico ou político; usando as palavras de Costa Lima na “Nota pessoal” de seu livro, “que o texto ficcional, em vez de dar as costas à realidade, a dramatiza e a metamorfoseia (...); na vida cotidiana, dispomos o mundo; o mundo, isso que está aí; a ficção transtorna as dimensões do mundo, em vez de pôr o mundo entre parêntesis”. Mas quando uma preciosa teoria se expõe aos textos, tudo pode mudar (*quantum mutatis ab illo!*), e poderíamos nos perguntar em que medida o apego teórico compromete os resultados da análise no livro de Costa Lima (e fala em favor dos estudos culturais), levando em conta que abrange cinco séculos, embora esteja concentrado em três momentos pontuais.

Do nosso ponto de vista, na primeira parte do *Redemunho...*, Costa Lima consegue manter a coerência entre teoria e análise com resultados positivos. Ele aborda o elemento do horror comparando as diferenças discursivas entre a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto e as crônicas do *Ásia* (João de Barros) e da *Década IV* (Diogo do Couto). Enquanto os dois últimos textos se enquadram claramente como precursores da História, a *Peregrinação* seria para Costa Lima um texto anômalo, com elementos ficcionais mas impossível de ser reconhecido na época como ficção – e, por isso, nele as engrenagens da construção do horror aparecem quando se faz a comparação das *diferenças* com os outros, ou seja, dessas possibilidades ficcionais que acrescentam a escrita da história. Dessa maneira, Costa Lima

demonstra que no século XVI o horror iniciou um processo de diferenciação com relação ao horror antigo ou medieval. A violência entre os portugueses e os asiáticos foi vista pelos cronistas através da lente de uma “dupla verdade” econômica (os benefícios do comércio de especiarias) e moral (a superioridade do cristianismo), que a justificava quando era perpetrada pelos portugueses (os asiáticos ou os negros tinham *medo*), mas que também era vista com *horror* quando os europeus eram as “vítimas”. Esse horror se fixou como *horror físico em um lugar determinado, às margens do Ocidente*, pois não só ganhou uma escala mundial mas tornou-se inseparável das idéias de Estado ou Estado-Nação saindo da Europa na procura de outros territórios.

Bem diferente é o resultado na segunda e na terceira parte do livro, quando Costa Lima redobra a aposta epistemológica e vai propor que a novidade do horror moderno estaria na prática de uma violência que “depende da pretensa universalidade de uma idéia” (p.131) sustentada pela razão, que no século XVI seria *razão religiosa*, no século XIX *razão civilizatória* e no século XX *razão democrática*. Assim, avoca-se à análise da obra de Joseph Conrad, e depois aos romances de três autores hispano-americanos (Hudson, Carpentier e García Márquez). A hipótese sustenta que o horror físico se manifesta principalmente nos continentes marginais, seja pela necessidade do “etos branco” de impor o capitalismo e o avanço do progresso da civilização (como no romance *O coração das trevas*), seja pela instabilidade política no processo de “auto-colonização” na América Latina visando à sua democratização (como nos romances de García Márquez), enquanto que um outro horror, o horror psíquico, seria característico da metrópole (a Europa ou os Estados Unidos). A obra de Joseph Conrad associaria o horror ao desvio das normas da “civilização”, à deformação do “etos branco” quando penetra nos continentes marginais e entra em contato com os *outros* para alcançar uma meta econômica. As obras de Hudson, Carpentier e García Márquez atingiriam o grau máximo do horror nessa necessidade de ordenar democraticamente o continente por parte dos ex-colonizados (agora soberanos), mas cujos problemas políticos sempre estão permeados pelos interesses econômicos da metrópole. O que interessa destacar aqui, porém, é que embora as análises de Costa Lima sobre o horror nesses autores sejam interessantes, não conseguiriam descolar do *temático*, isto é: que o objetivo epistemológico – combinar a teoria da mimesis como produtora de diferenças com uma abordagem histórica da realidade, para demonstrar que o horror físico é a forma característica dos continentes marginais – não teria sido cumprido nessas partes do seu trabalho, remanescendo como aproximações temáticas do tipo “O horror em Joseph Conrad” ou “Os ditadores em García Márquez”.

As causas disso são múltiplas, e a anterior citação latina de Virgílio é pertinente; Enéas fica horrorizado quando, em sonhos, vê aparecer o fantasma de Héctor que está coberto de feridas, e ele exclama *Quantum mutatis ab illo!* (Eneida, II, 247). As perguntas de *quem, como, onde e por que fala* estão no âmago de toda análise, mas também está a profunda complexidade cultural dos “novos mundos”, e a sua mudança social constante *ab illo*. Se Costa Lima tivesse analisado apenas os textos do século XVI, o escopo da proposta teórica teria sido menor, mas talvez muito mais sólida, quase inatacável. Nesse sentido, uma coisa que surpreende é a arbitrariedade na definição de um *corpus* literário de romances que, para ser justificado, depende precisamente da análise *posterior*, caso não se leve em conta a indiscutível preeminência do tema do horror por sobre os modelos discursivos. Mas por que esses textos e não outros nos quais o horror também é preponderante? Embora o ensaísta tente salvar habilmente esses problemas na parte introdutória, o fato é que a questão não tem um esclarecimento maior ao longo do livro. Talvez por isso, no livro de Costa Lima chama a atenção uma omissão, que a meu ver é fundamental: a ausência de um texto literário altamente pertinente ao elemento temático do livro de Costa Lima, além de ser do ponto de vista discursivo quase tão “anômalo” como a *Peregrinação*, e sem o qual seria ingênuo compreender o par civilização/barbárie do século XIX, bem como as muitas referências de Hudson aos *gauchos* e, inclusive, os romances de ditadores na América Latina (como os de García Márquez). Referimo-nos ao *Facundo*, de Domingo Faustino Sarmiento (datado em 1845, quando o autor argentino estava exilado em Santiago de Chile), e cujo nexos com o percurso do livro de Costa Lima é evidente.

Por outra parte, a análise do *Redemunho...* avança sem dar conta da dificuldade de afixar categorias como “branco”, “negro”, “colonizado”, “marginal” ou “metrópole”, sobretudo em um continente como a América Latina, onde coexistem múltiplas temporalidades, processos de metropolização deslocados, mestiçagem desde os inícios do século XVI, vários subsistemas literários, etc. A dificuldade se torna ainda maior quando se trata de definir categorias como a do “horror físico” oposto à do “horror psíquico” (o que se tenta fazer só a partir da segunda parte do livro) recorrendo apenas a textos, e em especial literários, nos quais as subjetividades do autor, dos personagens e até do crítico se confundem, ou bem quando os limites do interior e do exterior são ambíguos (que tipo de horror seria, por exemplo, um simulacro de fuzilamento repetido uma e outra vez? – aliás, mencionado no *Facundo*). O apelo à noção de “inconsciente textual” serve a Costa Lima para levar a “loucura” de Kurtz (no *Coração...* de Conrad) em direção ao horror físico gerado pelo “desvio

do etos branco”, mas também é inegável que evoca um paradigma com sabor interpretativo não muito distante dos trabalhos afiliados aos estudos culturais.

Por isso, depois da parte dedicada o século XVI, a análise do livro se fecha em dados literários, com profusos comentários em segundo e terceiro grau de outras bibliografias e explicações que recorrem à vida dos autores. A rejeição total de qualquer aspecto por ventura documental da literatura, mas sem querer abandonar o contexto histórico ou flexibilizar o trabalho com o discursivo, leva à redução da abordagem histórica às grandes e previsíveis linhas da História (expansão do império britânico, fases da independência da América Latina, etc.), ou às margens biográficas dos autores. Enfim, ao contrário do que acontece na primeira parte do *Redemunho...*, o resultado das análises de Conrad e da literatura hispano-americana corre o perigo de estar mais perto de um “exercício amadorístico” dos estudos culturais, do o daquele corajoso objetivo de dotar a reflexão teórica de realidade histórica.

Costa Lima tem recorrido muitas vezes ao teórico alemão Hans Ulrich Gumbrecht, cuja influência sobre o brasileiro sempre foi produtiva na sua obra crítica. Já em um ensaio de 1993 intitulado “O futuro dos Estudos de Literatura?”, Gumbrecht referiu-se extensamente ao polêmico debate que iria desenvolver-se durante a última década no universo da Literatura Comparada. Formado em sua juventude no tradicional rigor disciplinar da academia alemã, o percurso teórico de Gumbrecht surpreende pelo seu dinamismo e pela sua heterogeneidade. Depois de passar pelos paradigmas da estética da recepção (Jauss) e da estética do efeito (Iser), após estudar a experiência medieval da literatura (Zumthor), as relações entre história e literatura (White), e abrir o campo disciplinar para a teoria dos sistemas desenvolvida pelo sociólogo Niklas Luhmann, Gumbrecht é transferido em 1989 para a Universidade de Stanford, onde se encontra de repente quase que no vórtice do redemunho que, nos estudos literários, produziram os trabalhos de Stuart Hall e as formulações ainda mornas de Terry Eagleton sobre a crise na definição do objeto de estudo literário. Era o momento no qual começavam a se consolidar, é claro, os *cultural studies*, e é então que surge o antagonismo declarado entre essa nova tendência da crítica (com objetivos claramente políticos e sua preocupação pelas identidades dos mundos coloniais e pós-coloniais) e os acadêmicos envolvidos nas pesquisas da Teoria da Literatura (de cunho epistemológico), como as do próprio Gumbrecht. Por uma parte, estava o conjunto heterogêneo de pontos de vista teóricos que ele denominou “campo não-hermenéutico” (desconstrução, teoria dos sistemas, análise do discurso, estudos de mídia sob a rubrica da “materialidade da

comunicação”, etc.); por outra, os estudos culturais cujos pressupostos Gumbrecht questionou sintetizando dois elementos: a tendência de retorno à crítica temática e uma noção de “cultura” de herança marxista, pouco revisada em suas implicações oitocentistas. Porém, mesmo que para Gumbrecht os estudos culturais estivessem, de fato, localizados no paradigma epistemológico da *interpretação do sentido* (que só seria pertinente no quadro histórico da modernidade), enquanto o campo não-hermenéutico enfocasse as *condições de construção do sentido* (com uma historização radical que incluiria a própria interpretação como mais um agente, quase que arquetípico, do sentido), o teórico alemão vislumbrava, entre ambos os lados, diversos pontos de contato: rejeição das categorias institucionais influenciadas pela idéia de “cultura nacional”, abandono total ou parcial do *corpus* canônico da literatura, tematização das tecnologias da comunicação e do corpo humano, e vontade de ultrapassar os dualismos (Ocidente/Oriente, corpo/espírito, ciências humanas/ciências exatas, etc.).

Assim, nesse ensaio de 1993 mencionado anteriormente, Gumbrecht considerou a possibilidade de vincular os estudos culturais com as teorias epistemológicas da literatura, e propôs o projeto de “encontrar uma relação de complementaridade ainda a ser elaborada no plano de uma arqueologia discursiva”. A formulação poderia corresponder aos resultados que Costa Lima atinge com sucesso na primeira parte do seu *Redemunho do Horror* mas, apesar do esforço, o redemunho da crítica literária ainda subsiste para a maior parte da Literatura – se é que uma tal coisa ainda existe. Acho que a academia tem a resposta. Pois não deixa de emanar uma certa ironia o fato de Costa Lima comentar na “Nota pessoal” que a idéia do livro surgiu em 2000, enquanto era professor visitante em Baltimore, a partir de uma “experiência inusitada” que descreve como “a sincronia da releitura de um texto antigo com a vivência de um lugar em que aprendia a distinguir entre um território de fantasia e uma realidade bastante áspera”. Com efeito, ele confessa que “girando em torno da área universitária, confundia, como já fizera outras vezes, a universidade norte-americana com uma ilha da fantasia. Bastava, contudo, sair por um de seus portões e me deparava com o país real, com sua disparidade entre riqueza e violência, entre condições desproporcionais de trabalho e insegurança”. É curioso: neste instante, através da janela da biblioteca da UERJ, vejo uma enorme favela deitada sobre o morro como a pele de uma baleia podre, que já ninguém se lembra há quanto tempo ficou aí enalhada.

***Universidade Federal Fluminense**